

Gênero e indumentária: os mecanismos sócio-culturais da moda.

Paulo Castello Barbosa de Oliveira (graduado em estilismo pelo Senac SP)

Resumo:

Neste artigo, investigamos a moda a partir de uma perspectiva antropológica, relacionando o caráter cultural do sistema de gênero masculino-feminino com sua expressão na indumentária. Observamos que cada gênero exerce diferentes papéis, de acordo com a época, e as roupas acompanham essas modificações. Reconhecemos também em que aspectos a vestimenta é fundamental para a vivência transgênera.

Palavras-chave: moda, gênero, transgênero.

Abstract:

In this paper we investigate Fashion from an anthropological perspective, relating the cultural character of the gender system masculine-feminine with its expression in clothes and accessories. We observe how the gender practices change through History and the way dressing follow these changes. We recognize also in which aspects dressing is fundamental to transgendered individuals.

Keywords: Fashion, gender, transgender.

Em artigo para a *Folha de São Paulo*, Antonio Prata comenta a respeito da manifestação em que alunos homens vestiram saia em colégio paulistano. Recheado de ironias bem sucedidas o texto critica o modo como a parte tradicionalista de nossa sociedade insiste em enquadrar-se nas “*fôrmas pré-moldadas*.”ⁱ O autor representa a parcela de indivíduos que questiona e compreende cada vez mais a respeito da criação dos gêneros, de forma a entendê-lo como uma questão ligada mais à cultura do que à biologia. Tradicionalmente o gênero é dicotômico e divide-se entre os conceitos de homem e mulher. No entanto, reconhecemos que há nuances, e que um sistema dual já não abrange às vivências humanas. Sendo então uma tendência simplista e equivocada naturalizar os termos, de forma que os conceitos tornem-se uma questão puramente biológica.

Parafraseando Simone de Beauvoir, não nascemos homens e mulheres, nos tornamos homens e mulheresⁱⁱ. Já no início do decênio de 1970, a feminista desenvolve a ideia do aprendizado de gênero. Trinta anos depois, Judith Butler, em seu profundo estudo a respeito de gênero, analisa a célebre colocação de Beauvoir, esclarecendo que “*Não há nada em sua*

explicação que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea."ⁱⁱⁱ Isto é, não é por conta de nascermos em corpos masculinos ou femininos que nos tornaremos homens ou mulheres, respectivamente. Esse entendimento nos leva à margem da compreensão da chamada transgeneridade. Isto é, pessoas que nascem com determinado sexo biológico, mas se identificam com o gênero "oposto", diferentemente do que pressupunha o padrão cisgênero^{iv}. As palavras "transgênero" ou "trans*" são usadas aqui pois abrangem qualquer vivência não cisgênera, evitando os rótulos com significados enraizados, como travestis, transexuais, *cross-dressers*, *genderless*, entre outros. Assim, utiliza-se mulher transgênera para quem nasce com corpo masculino e assume identidade de gênero feminina, e homem transgênero para os casos contrários.

O modelo cisgênero faz com que nossa sociedade construa o gênero de forma que mulheres e homens se comportem de formas divergentes. Veremos mais adiante, à luz da pesquisa de Thomas Laqueur, o modo como as atividades masculinas e femininas foram modificadas de acordo com o tempo e adaptadas para que as pessoas agissem de acordo com os valores de determinada época. E percebe-se com clareza que a interpretação dos papéis de gênero é justificado pela visão médica-ontológica, dando aos conceitos o valor de verdade inquestionável. Ao relacionarmos essa pesquisa ao estudo histórico da indumentária, percebemos que a vestimenta é importante ferramenta para auxiliar no estabelecimento dos papéis de gênero em sua forma dual. Como aponta Elizabeth Wilson, "*A moda tem obsessão dos gêneros, ela define e volta a definir as fronteiras entre os gêneros*"^v.

É importante separarmos as características biológicas das características estéticas, para que as identidades trans* não sejam rejeitadas por não se encaixarem em nenhum dos polos do binarismo homem-mulher, mesmo que tenham sofrido intervenções cirúrgicas^{vi}. Ainda estamos no começo desta discussão, em um contexto social que ainda se mostra bastante intolerante em relação aos transgêneros. Entretanto, sublinhamos a importância da estética (na qual a indumentária se mostra fundamental) manter-se binária, para que seja possível aos indivíduos trans* assumir a identidade de gênero que cabe em si.

Nosso agressivo mercado fez a moda ser relacionada com o compulsório e o fútil, além de estar tão inserida no nosso cotidiano (com o tanto de pontos de venda, publicidade, rotina do consumo etc.) que nos priva de analisá-la a fundo. Ao relacionar gênero e indumentária entramos em contato com uma fundamental (e pouco difundida) discussão: a moda como antropologia. Então podemos averiguar o quanto a vestimenta é uma ferramenta social.

*

De acordo com o padrão cisgênero, desde muito novas é ensinado às pessoas o modo como devem se portar. Indivíduos nascidos com pênis aprendem um conjunto de condutas contrário daqueles nascidos com vagina; desde a infância, os brinquedos, assim como as brincadeiras, ensinam o antagonismo de cada conjunto de condutas, punindo quem manifestar desejo pela atividade do gênero oposto. A advogada Macia Rocha, que é uma mulher transgênera, descreve que seu interesse pelo feminino começou muito pequena. Com apenas quatro anos de idade ela já se vestia com roupas femininas, porém escondida^{vii} – já reconhecendo aquele desejo como ‘errado’, o que indica o quão cedo começa o aprendizado de gênero.

Marcel Mauss estudou em *As técnicas do corpo* o funcionamento do aprendizado corporal. Ao elaborar como são passados os ensinamentos do agir, o antropólogo divide o aprendizado pelas fases de uma vida humana, e conclui sobre a criança: “*Ela aprende as noções de costumes de relaxamento, de respiração. Adota certas posturas que geralmente lhe são impostas.*”^{viii} Como ainda nos baseamos em valores machistas e patriarcais, conseguimos reconhecer na nossa sociedade técnicas corporais similares às que Mauss estudou na década de 1950. Ao falar a respeito da adolescência, fase que determinará de fato a postura a ser seguida na vida adulta, o antropólogo situa que mulheres aprenderão a ser esposas com a mãe, e homens a serem oficiais militares na sociedade. Isto é, “*mulheres terão que ser gentis e submissas, e homens firmes e trabalhadores*”^{ix}. Os brinquedos infantis masculinos geralmente motivarão a criança às atividades competitivas e agressivas, como carrinhos, armas e jogos de força. Já para as meninas, as brincadeiras típicas trarão o valor da maternidade, doçura e frivolidade, como bonecas, cozinhas de plástico ou kits de beleza.

Pelo estudo feito por Thomas Laqueur^x, esse modelo do homem como produtivo e a mulher como dependentes se faz presente em quase toda a História, em diferentes níveis. Por exemplo, nos séculos XV e XVI, no ápice dos estudos da dissecação de corpos, cria-se o modelo de gênero denominado “sexo único”. Homens e mulheres eram considerados iguais, isto é, seus genitais eram os mesmos; o homem os teria externos e a mulher internalizados. Entretanto, as “medidas universais” eram baseadas no corpo masculino, fazendo com que a mulher fosse inferior – por ser considerada mais “fria”. O gênero era considerado uma questão de status social, com graus de hierarquia: ainda que fossem casos raros, se a mulher alcançasse a temperatura e atividades masculinas poderia ‘migrar de título’, como se evoluísse.

Relacionamos então estes modelos do “sexo único” à indumentária criada com início da moda. Até então, as vestimentas eram baseadas nos ancestrais, feitas apenas reproduzindo o mesmo modelo, e tanto homens quanto mulheres utilizavam há séculos a mesma túnica^{xi}. No século XIV, estabelece-se a moda como um sistema baseado no novo e no efêmero. Com a nova forma de relacionar-se com o vestir, homens e mulheres recebem a diferenciação da vestimenta. Eles terão as pernas bifurcadas e a proeminência sob a braguilha a ser evidenciada, enquanto mulheres recebem a cintura afinada e grande decotes. No entanto, relaciona-se o modelo de gênero vigente com a apresentação visual, que era bastante similar: ambos adornavam-se com perucas, maquiagem, franzidos e bordados.

Segundo Laqueur, no século XVIII, surge diferenciações das genitálias masculinas e femininas, uma vez que elas menstruam e ficam grávidas, concluem que não teria como ser o mesmo órgão. O modelo de gênero se modifica: aparece então, a noção de “[...] *dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses ‘fatos’*”^{xii}. Desde então, é estabelecido, para homens e mulheres, o total antagonismo de suas atividades. Paralelamente, inicia-se o sistema capitalista em escala industrial, tendo então que modificar a dinâmica social: homens trabalharão fora de casa, nas fabricas, e mulheres cuidarão do lar. Para que isso se fizesse possível, os homens perdem o caráter frívolo

de suas vestes, para ganharem agilidade e praticidade. Já as mulheres continuam a adornar-se com exagero; espartilhos e anáguas auxiliam a limitá-las ao espaço interno e ocioso – elas passam a ser o estandarte da riqueza do marido.

Marcel Mauss nos expõe a importância das técnicas corporais na adequação das pessoas: “[...] *as normas humanas para o adestramento humano. Assim como fazemos com os animais, os homens as aplicam voluntariamente a si mesmos e seus filhos*”^{xiii}. A importância é gerir os corpos de acordo com as necessidades político-econômicas, assim como apresenta Michel Foucault em sua teoria do “bio-poder” – no qual corpos são relacionadas às máquinas – que devem estar com a manutenção em dia, e “[...] *isto assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-políticas do corpo humano [...]*”^{xiv}. Foucault discorre a respeito da sobrevivência humana estar baseada na política^{xv} – isto é, deve inserir-se e adaptar-se à política instaurada para garantir sua vivência.

Relacionando então as teorias de Mauss e Foucault tratadas acima, compreendemos a dificuldade de não se aderir à maioria, permanecendo adjacente ao sistema político de determinada época. Compreendemos melhor também o movimento feminista em prol da equiparação entre gêneros, que iniciou-se em meados do século XIX com a busca por mais conforto e mobilidade na indumentária (que automaticamente resultaria em mais independência).^{xvi} Naquela época, as calças pertenciam – havia cinco séculos – apenas ao gênero masculino, discriminando fortemente as mulheres que ousavam usá-la. Apenas um século depois as revoltas obtiveram real resultado. No entanto, reafirmando a colocação de Foucault, a mudança se efetivou principalmente pelas guerras mundiais, em que mulheres tiveram que assumir atividades masculinas para continuar com a produção industrial. Assim indica Gilda de Mello e Souza: “[...] *com a crescente penetração do grupo feminino na esfera de ação do grupo masculino, processo acelerado por duas guerras sucessivas, que atiram as mulheres, de improviso, às tarefas dos homens.*”^{xvii}

Podemos traçar um paralelo com a situação da nossa sociedade atual. Ainda que o uso de saia por um homem seja tabu – há sete séculos saias são unicamente femininas –, e qualquer pessoa que se apresente com a

estética masculina sair na rua sem o bifurcado entre as pernas sentirá a repressão e curiosidade dos transeuntes, vemos, apesar disso, alguns homens fazendo o uso da peça.

Em maio de 2013 alunos de diversos cursos da Universidade de São Paulo foram à aula de saia em solidariedade à discriminação sofrida por Vitor Pereira, estudante de moda que veste saias no seu dia-a-dia. Chamado de “Saião”, o protesto tomou conta de redes sociais e diversos meios jornalísticos. Aproximadamente um mês depois, estudantes do colégio Bandeirantes (um tradicional e conservador colégio da elite paulistana) repetiram o ato dos universitários, também em solidariedade a dois alunos, um que foi chamado à diretoria por usar maquiagem, e outro que foi proibido de assistir à aula por trajar saia. O protesto também chamou atenção da mídia e foi nomeado de “Saia de Saia”. Em entrevista para a *Folha de São Paulo*, o diretor da escola reiterou a posição conservadora, representando o tradicionalismo da nossa sociedade. Eliane Brum, em reportagem da revista *Época* do início de 2012, discute o que nomeia de “emancipação masculina”, citando o/a^{xviii} cartunista Laerte Coutinho (que desde 2009, quando inicia sua vivência transgênera, vem revolucionando a discussão de gênero no Brasil): “Existiu a tal revolução feminina, é um dos marcos da humanidade. O que não aconteceu foi a revolução masculina.”^{xix} Podemos dizer que Laerte é estandarte deste movimento no Brasil, mas reconhecemos uma legião de jovens seguidores, como os adeptos ao “Saião” e “Saia de saia”.

O filósofo Guilles Lipovetsky, ao comentar o tom cômico que recebe um homem perante a sociedade trajando saia conclui: “O masculino está condenado a desempenhar indefinidamente o masculino.”^{xx} É possível que o problema que se agrega ao uso da saia pelo homem seja remanescente do ainda vigente patriarcado. Dentro deste padrão, o homem deve ser visto como provedor, forte e rígido. A carga feminina que se dá à saia aproximaria o usuário da docilidade da mulher, dependente e inferior; inevitavelmente a masculinidade de quem veste a peça é posta em dúvida.

Em uma palestra,^{xxi} Laerte comenta sobre a questão binária da vestimenta, e a carga machista que a indumentária ainda leva em si. Ao falar sobre vestir-se com roupas femininas, o/a cartunista disse que a primeira sensação é ter que conter-se. Os sapatos de salto dificultam o andar, que

deve ser mais delicado, e as saias obrigam a sentar com as pernas fechadas. Já o vestuário masculino incita ao andar confortável e ágil. M.^{xxii}, uma estudante transgênera, que me concedeu uma entrevista sobre o tema, comenta sobre a mesma questão:

Geralmente tem o treinamento de andar de salto. Que você precisa de todo um jeito de equilibrar sua coluna. [...] A mulher tem sapatilha, alta, baixa, anabela, plataforma... e realmente o andar do homem é mais confortável pois o calçado é mais confortável. [...] E quando você tira o tênis você perde o amortecimento. Você tem que se acostumar a andar sem pisar forte para não machucar. Tem um pouquinho você se permitir ser feminina, ainda mais se você for mais velha e já tiver vivido muito tempo como homem.^{xxiii}

Compreendemos pelas falas de Laerte e M. o quanto a indumentária corrobora com as técnicas corporais. Quando alguém veste um terno, por exemplo, além da silhueta ser mais severa, sua postura necessariamente estará mais rigorosa – trazendo a firmeza cobrada. Ao vestir uma saia longa, o andar será mais leve, os quadris poderão sair do eixo central, e se usar uma saia curta, os movimentos serão delicados (principalmente ao abaixar-se, ou sentar-se) – postura cobrada no feminino.

Ao nos aproximarmos e analisarmos a vivência transgênera, reconhecemos as cargas culturais do aprendizado de gênero, das técnicas corporais e da indumentária. Essas ferramentas são incorporadas nas duas entrevistadas de minha monografia de forma consciente. Ambas compreenderam e assumiram a própria transgeneridade já adultas; baseiam então sua procura de se desfazer do aprendizado masculino e de trabalhar o feminino em si, como relata D.:

Mas ao mesmo tempo também nessa questão de ser transgênero, essa informação da roupa binária entra bastante, significa muito inclusive, né? Você dispor os seus códigos através de uma roupa, que no meu caso, feminina.

Podemos reconhecer que a identidade estética é o principal meio de serem reconhecidas como mulheres diante da sociedade; a indumentária, portanto, é fundamental. O que possibilita que o indivíduo se defina por meio de sua apresentação estética nos dias de hoje, ocorre recentemente na História, com a fortificação da cultura jovem na década de 1960. Em um livro sobre o artista plástico austríaco Hundertwasser, Pierre Restany critica as roupas anteriores a essa época como “automatismos-reflexos”^{xxiv}, de modo que não deixava que o indivíduo demonstrasse suas personalidades.

Hoje em dia reconhecemos fortemente a indumentária como um conjunto de signos que dão leitura às características de uma pessoa; a indumentária é reconhecida como parte importante da transição de gênero, como relata M.:

Se fala muito em descobrir se sua identidade é feminina ou masculina. Mas existem nuances. [...] E depois que você confirma sou mulher, não sou homem você precisa ver qual tipo de mulher que você é. E isso se dá principalmente por causa da roupa. Principalmente porque a roupa interage diretamente com a reação do outro.^{xxv}

A preocupação que temos com nossa apresentação social é pela leitura externa, como expõe M. Afinal, os outros nos veem muito mais do que nós mesmos.

A moda é fugaz, assim como as simbologias conferidas às roupas. Por isso nos vemos aptos a modificar algumas normas criadas pela cultura. O mesmo acontece com o gênero; não é contudo um trabalho simples desconstruir um sistema enraizado e que abrange tantos indivíduos e áreas de conhecimento. É reconfortante notar que, ao menos aparentemente, estamos nos movendo a favor de maior flexibilidade e diversificação.

Notas:

ⁱ PRATA, 2013

ⁱⁱ BEAUVOIR, 1973, p. 301

ⁱⁱⁱ BUTLER, 2012, p. 27

-
- iv Cisgênero: do latim CIS, mesmo lado + gênero. Quando sua identidade de gênero condiz com o que espera do corpo biológico.
- v WILSON, 1985, p. 159.
- vi Em minha monografia, escrita em 2012, reconheci que a cirurgia de readequação genital em alguns casos é visto ilusoriamente como passagem para a cisgeneridade, mas não cabe alongarmo-nos nesta questão no presente artigo. Caso interesse, dedico algumas página para comentar a respeito: OLIVEIRA, 2012, p. 66-81.
- vii Depoimento retirado de uma mesa redonda realizada pelo evento Destrave-se, ocorrido no dia 24 de maio de 2013, no Senac Consolação – São Paulo – SP.
- viii MAUSS, 2003, p. 413
- ix OLIVEIRA, 2012, p. 16
- x LAQUEUR, 2001
- xi LIPOVETSKY, 2009, p. 31
- xii LAQUEUR, 2001, p. 18
- xiii MAUSS, 2003, p. 410
- xiv FOUCAULT, 1977, p. 131
- xv FOUCAULT, 1977, p. 134
- xvi É inevitável comentar sobre o ícone do estopim deste movimento: Amélia Bloomer, que ficou conhecida por suas calças largas e sua veemente proclamação à respeito da busca pelo direito da mulher à aderir o uso da calça.
- xvii SOUZA, 2009, p. 56.
- xviii Laerte recusa se identificar com rótulos de gênero, referindo a si próprio ora no masculino, ora no feminino.
- xix BRUM, 2012
- xx LIPOVETSKY, 2009, p.154.
- xxi Palestra que iniciou o evento Destrave-se, ocorrido no dia 24 de maio de 2013, no Senac Consolação – São Paulo – SP
- xxii As entrevistas foram realizadas no ano de 2012. A fim de preservar as entrevistadas, optou-se por ocultar seus nomes.
- xxiii OLIVEIRA, 2012, p. 65
- xxiv RESTANY, 2003, p. 22
- xxv OLIVEIRA, 2012, p. 61

Referências:

- BEAUVOIR, Simone de. **The Second Gender**. Nova Iorque: Vintage, 1973.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRUM, Eliane. **Enfim, a emancipação masculina**. 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/enfim-emancipacao-masculina.html>
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade – A vontade de saber Vol. 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

KREPP, Ana. **Em protesto, alunos da USP vestem saias para assistir às aulas.** 2013. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/06/1292569-alunos-do-colegio-bandeirantes-vestem-saias-durante-protesto.shtml>

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

OLIVEIRA, Paulo Castello Barbosa de. **O binário em prol de nuances: o uso da indumentária em mulheres transgêneras.** São Paulo, 2012.

PRATA, Antonio. **Entre ou saia.** 2013. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2013/06/1293548-entre-ou-saia.shtml>

RESTANY, Pierre. **Hundertwasser – o pintor-rei das cinco peles.** Lisboa: Taschen, 2003.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos: moda e modernidade.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.

[Autor desconhecido] **Alunos do Colégio Bandeirantes vestem saia durante protesto.** 2013. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/05/1279663-em-protesto-alunos-da-usp-vestem-saias-para-assistir-aulas.shtml>